Anna Maria Abrão Khoury Rahme

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Cecília França Lourenço

INOVAR E CONSERVAR: A AMBIGÜIDADE NO MONUMENTO CONSTITUCIONALISTA

Resumo

O *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*, localizado na capital do estado de São Paulo, impõe-se como o centro irradiador das práticas e representações do movimento constitucionalista, cujo caráter profundamente político conduz ao empenho na construção de uma identidade paulista. Os militantes desenham uma trama contraditória, evidenciando fragilidades e antecipando o esgarçamento da tessitura, pela exposição do monumento e o conjunto de pavilhões, lado a lado, no Parque do Ibirapuera. Com ritualizações constantes, os integrantes visam perenizar seus ideais, compondo cenários ambíguos que privilegiam o sagrado e o profano, o passado histórico e o memorável, a Antiguidade e a modernidade, em dicotômicas trajetórias simbólicas entre o conservar e o inovar.

Palavras-chave

Monumento, mausoléu, movimento constitucionalista, identidade paulista.

Innovar y conservar: la ambigüedad en el monumento constitucionalista

Resumen

El *Monumento y mausoleo para el soldado constitucionalista de 32,* que se encuentra en la capital del estado de São Paulo se impone como el centro de irradiación de las prácticas y las representaciones del movimiento constitucionalista, cuyo carácter profundamente político incita a la construcción de una identidad paulista. Los militantes diseñan una trama contradictoria, enseñando fragilidades y anticipando el desgarramiento de la tesitura, por la exposición del monumento y el conjunto de edificios modernistas uno al lado del otro, en el Parque Ibirapuera. Mediante constantes actos rituales, los integrantes del movimiento buscan eternizar sus ideales, por la composición de escenarios ambiguos, que privilegian lo sagrado y lo profano, el pasado histórico y el memorable, la Antigüedad y la modernidad, en dicotómicas trayectorias simbólicas entre el conservar y el innovar.

Palabras clave

Monumento, mausoleo, movimiento constitucionalista, identidad paulista.

Innovation and preservation: ambiguity in the constitutionalist monument

Abstract

The *Mausoleum and Monument to the Constitutionalist Revolution Soldier of 1932*, located in São Paulo, Brazil, stands out as the radiant center of the constitutionalist movement's practices and representations, whose political nature led to the establishment of a typically *paulista* identity. The movement's militants drew a contradictory plot, exposing fragilities and anticipating its tiredness exhibiting the monument and the group of pavilions side by side at Ibirapuera Park. With regular rituals, constitutionalist members tried to perpetuate their ideals, composing dubious scenarios focusing on the sacred and the profane, the historical and the memorable past, and the Antiquity and modernity, in a dichotomous pathway between conservation and innovation.

Key words

Monument, mausoleum, constitucionalist movement, typically *paulista* identity.

"A forma plástica evoluiu na arquitetura em função das novas técnicas e dos novos materiais que lhe dão aspectos diferentes e inovadores. (...)
Diante dessa evolução contínua e inevitável e dos programas que surgem, criados pela vida e pelo progresso, o arquiteto vem concebendo, através dos tempos, o seu projeto: frio e monótono ou belo e criador, conforme seu temperamento e sensibilidade."
Oscar Niemeyer[1]

Arquiteto responsável pelo projeto do Parque do Ibirapuera, Oscar Niemeyer escreve, no final dos anos 70, o texto acima, com o qual reforça os critérios escolhidos para solucionar os novos problemas, e invoca duas idéias recorrentes: a beleza e a criação. Implantado em área contígua, o *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32* invoca essas mesmas idéias associando-as, porém, aos princípios da arte clássica ocidental. A edificação revive o conceito de "belo ideal" ao eleger um "modelo consagrado" como atitude projetual, justificada pela adequação simbólica ao novo uso[2], embora defasada temporalmente na concepção e execução. Fruto dos estudos sobre os monumentos memoriais[3] na cidade de São Paulo, desenvolvidos pela autora a partir dos anos 90, a observação constituiu a hipótese inicial que gerou a tese em questão.

(1) NIEMEYER, Oscar. *A forma na arquitetura*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978, p. 16-18.

(2) As diretrizes da abordagem simbólica fazem parte da obra de PANOFSKY, Erwin. *Estudos de iconologia: Temas humanísticos na arte do renascimento*. Lisboa: Estampa, 1986. Do original *Studies of iconology*. Londres: Oxford University, 1939.

(3) Cumpre esclarecer alguns termos utilizados no decorrer deste trabalho: monumento/escultura – monumento: *"Obra arquitetônica ou escultórica de uma personagem ou acontecimento"* (p. 159); escultura: *"Arte de criação de formas em três dimensões, em vulto ou relevo, através de várias técnicas"* (p. 99); vulto: *"escultura feita em pleno relevo, tridimensional e sem ligação a um plano de fundo, permitindo a observação de qualquer ponto à sua volta"* (p. 228); *"relevo: escultura desenvolvida sobre uma superfície*

Figura 1: Parque do Ibirapuera, Palácio das Indústrias. Projeto de Oscar Niemeyer, 1953
Crédito: Foto da autora, 2005

Figura 2: Parque do Ibirapuera, Grande Marquise. Projeto de Oscar Niemeyer, 1951-1955
Crédito: Foto da autora, 2005

Figura 3: Idem Figura 2
Crédito: Foto da autora, 2005

Figura 4: Parque do Ibirapuera. Palácio das Artes com obelisco ao fundo. Projeto de Niemeyer, 1954
Crédito: Foto da autora, 2005

Figura 5: Idem Figura 4
Crédito: Foto da autora, 2005

(plana, côncava ou convexa) que lhe serve de plano de fundo" (p. 195). In: TEIXEIRA, Luís Manuel. *Dicionário ilustrado de belas-artes*. Lisboa: Presença, 1985.

(4) Foram examinados memoriais ao movimento paulista implantados na cidade de São Paulo, bem como no litoral e interior do estado.

(5) As normas para conferir visibilidade à peça artística tridimensional foram estabelecidas, ainda no século 19, por Adolf Hildebrand (1847-1921). O tratado, esgotado na época de sua publicação, foi reimpresso na segunda metade do século 20. HILDEBRAND, Adolf. *El problema de la forma en la obra de arte*. Madri: Visor, 1988. Do original: HILDEBRAND, Adolf, *Das problem der form in der bildenden kunst*.

(6) Embora a luta armada tenha sido iniciada na madrugada do dia 10 de julho de 1932, os integrantes do movimento constitucionalista de 1932 preferem fixar o 9 de Julho como data comemorativa, fazendo coincidir com a vitória contra os emboabas, fato histórico paulistano, e, muito provavelmente, com o Dia da Independência argentina, cuja capital, Buenos Aires, abriga o maior obelisco da América Latina.

(7) Estratégia de abordagem extraída do método "história da história", a partir do qual é possível romper a "grande narrativa" e abordar os "fatos" por meios não-convencionais. Resultando a configuração da história das ideologias, das mentalidades e do imaginário – e a das práticas – das condutas e rituais, que permite descortinar a "realidade oculta, subjacente", ou seja, o conteúdo simbólico. LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1992.

Apesar de a população desconhecer a celebração do memorial, o Obelisco do Ibirapuera se imortaliza como representação paulistana, devido à localização privilegiada e a fixação da imagem em cartões postais. No sítio urbano, a presença marcante, favorecida pelo redesenho da paisagem natural criando acessos, aberturas de ruas e viadutos, é adicionada à reprodução fotográfica levada como recordação da cidade, certificando a perenização do monumento. Assim, também, todas as outras homenagens[4] ao movimento constitucionalista examinadas possuem visibilidade garantida[5] e transformam-se em cenário para as celebrações do 9 de Julho[6], ocasião em que se realizam desfiles, exposições, discursos, lançamentos de livros, catálogos, artigos em periódicos, selecionados para representar os ideais do grupo.

Além dos levantamentos de campo, envolvendo outros memoriais e vasta bibliografia específica a respeito do movimento constitucionalista de São Paulo[7], procurou-se pensar o objeto de estudo a partir dos

Figura 6: *Voluntários de 32*. Projeto de Marcelino Vélez, Campinas, 1934
Crédito: Foto da autora, 2003

Figura 7: *Aos voluntários de 32*. Projeto de Lélio Coluccini, Piracicaba, 1938
Crédito: Foto de Fernando Salvador, 2004

Figura 8: *Voluntários santistas*. Projeto de Antelo Del Debio, Santos, c. 1934
Crédito: Foto da autora, 2004

Figura 9: *Monumento constitucionalista*. Detalhe. Itu
Crédito: Foto da autora, 2003

Figura 10: *Monumento aos soldados constitucionalistas de 1932 – MMDC*, Bauru
Crédito: Foto de José Roberto Sotello, 2003

fundamentos sobre o caráter dos monumentos memoriais[8] e a perpetuação das lembranças[9]. Conceitos esses que se mostraram adequados às especificidades trabalhadas nos conjuntos paulistas, conduzindo a novas hipóteses e contribuindo para a compreensão do acontecimento regional. Novas hipóteses são geradas e direcionam a pesquisa para o exame dos diferentes aspectos, implícitos e explícitos, nas práticas e representações[10]. Os conteúdos estéticos e simbólicos, bem como as nuances entre as semelhanças e os diferenciais encontrados nos documentos de época permitiram a seleção e classificação dos dados, resultando em minuciosa análise comparativa.

Essas considerações são necessárias, já que a Revolta de 1932 vem sendo reexaminada sob olhares mais impessoais respaldados por documentos reveladores, embora seja entendida como revolução, por seus idealizadores e seguidores, que insistem em repetir a historiografia construída na época. As recentes interpretações do fato, alinhadas aos estudos universais sobre memória urbana, permitem interpretações renovadas aos ícones utilizados por Galileo Emendabili (1898-1974) no *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32.* A apropriação de mitos paulistas, como a fundação da vila Jesuíta, o bandeirante, o trabalho, reforça a representação, mas não a identifica como signo iconográfico, pois não faz parte da memória coletiva da população paulistana.

As celebrações promovidas em torno do memorial, pelos grupos que representa, realçam, anualmente, a escala que transcende a inclusão na categoria escultórica e enquadra-se como objeto arquitetônico. Sua implantação modifica sensivelmente o meio, quer pelas dimensões quer pela necessidade de isolamento próprio dos mausoléus, realçando o caráter monumental[11]. Situado ao lado do Parque do Ibirapuera, sem dúvida contrasta com o espírito de vanguarda inerente às edificações em si, bem como o partido adotado para sua distribuição. Enquanto a verticalidade e a distribuição dos planos, em diferentes cotas, evidenciam a forma obeliscal, os pavilhões se sucedem, ao lado, em movimentos sinuosos, em torno do lago, mantendo uma cota próxima da escala humana.

Apesar de ambos recorrerem a formas geométricas precisas, moldadas rigorosamente na cor branca, o memorial enobrece o concreto com o revestimento de mármore e o parque adota o despojamento da pintura em látex. O autor do monumento elege forma e local carregados de simbologias para criar a cosmogonia, ou seja, instaurar a sagração do sítio pelo "pilar inaugural", a construção da "árvore da vida", a elevação do "altar da pátria"[12]. O Parque do Ibirapuera, também, inaugura um "novo tempo", o qual pretende modificar definitivamente o perfil da arquitetura e, conseqüentemente, das cidades, selecionando "linhas puras" para anunciar um "novo desenho", no sentido estrito da expressão. Uma reformulação do desenho, de acordo com a origem latina da palavra, *disegno*, ou seja, o somatório de *dio,* como Deus, e *segno,* como signo, assegurando o valor sagrado à arte, que passa a ter o sentido "signo de Deus"[13].

(8) Todo monumento é memorial, quando concebido para *"rememorar ou fazer com que outras gerações rememorem um dado acontecimento"*. In: CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio.* São Paulo: Unesp, 2001, p. 18.

(9) A introdução da abordagem desses assuntos, em meados do século 20, deve-se a Maurice Halbwachs (1877-1945). HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. *Revista dos Tribunais*, São Paulo: Vértice, 1990. Do original: HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective.* Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

(10) Conceitos desenvolvidos em: CERTEAU, Michel. Artes do fazer. In: *A invenção do cotidiano.* Petrópolis-RJ: Vozes, v. 1, 1994.

(11) Ler mais sobre o conceito de monumentalidade em: HILDEBRAND (ver nota 5).

(12) Ler mais sobre as cosmogonias expressas por esses conceitos em: ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: A essência das religiões.* São Paulo: Martins Fontes, 1996.

(13) BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos.* 2 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998, p. 486.

Figura 11: Obelisco do *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*. Projeto de Galileo Emendabili, 1934
Crédito: Foto da autora, 2002

Figura 12: Idem Figura 11, detalhe. Projeto de Galileo Emendabili, 1934
Crédito: Foto da autora, 2002

Inaugurados em 25 de janeiro de 1954[14], quando se comemorava o IV Centenário de Cidade de São Paulo, enquanto o primeiro reinterpreta os moldes tradicionais da arquitetura egípcia e clássica, o segundo apregoa a quebra de qualquer molde anteriormente estabelecido. Mas, diferentes no aspecto conceitual, representam grupos e um tempo, crenças ou pensamentos, constituindo-se como ícones[15]. Por esse prisma, as representações incorporadas pelo movimento constitucionalista e a "política progressista"[16] se fundamentam, respectivamente, na tradição e na vanguarda, e dada a visibilidade de ambos concorrem para formar a paulistanidade buscada[17], a qual permanece, porém, indefinida, exatamente pelas dicotomias próprias da metrópole enunciada.

Foco de novas tentativas nos 400 anos da cidade, a identidade procurada desde a virada dos séculos 19 e 20, necessita insumos para a reconstrução da historiografia, com a valorização dos principais marcos e feitos, incluindo a fundação por jesuítas, a expansão pelas bandeiras e o progresso pelo trabalho. O rompimento com o poder central é entendido por certos grupos como natural, tomando por base o destaque econômico do estado de São Paulo, ainda anteriormente à implantação do regime republicano. Conseqüentemente, identificados como separatistas, transmitem a idéia que vai permear a historiografia paulista, por muito tempo, e atingir diretamente o movimento de 32.

Separatista ou não, é imprescindível examinar o que teria levado o referido movimento a adotar o Obelisco, um símbolo de independência[18], para falar das batalhas e dos heróis constitucionalistas, preservados nas lembranças dos militantes como odisséias homéricas empreendidas por deuses míticos. Mas a epopéia é uma narrativa monumentalizada pela imaginação e o sentimento de propriedade, idealmente decantada em prosa, verso e imagens, cuja materialidade não chegou a acontecer. Como

(14) A construção do *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32* obedece à seguinte cronologia: projeto premiado em concurso público – 1934; lançamento da pedra fundamental – 1949; detalhamento do mausoléu, início da construção – 1951; (Obs. da autora: A planície do Obelisco cedia atos comemorativos do IV Centenário da Cidade de São Paulo – 1954); inauguração parcial – 1955; inauguração final – 1970. In: ZIMMERMANN, Silvana Brunelli. *A obra escultórica de Galileo Emendabili: Uma contribuição para o meio artístico*. (Mestrado). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2000.

(15) A origem grega da palavra imagem é *eikon,* ou seja, a mesma da palavra ícone; portanto, assim como a "imagem icônica" é metafórica, a "imagem descrita" é hiperbólica e analítica. Idem, ibidem.

(16) A expressão é usada aqui para identificar o modelo político, adotado na cidade de São Paulo, que busca o "progresso" pelo fortalecimento do parque industrial, a partir dos anos 40.

(17) As classes dirigentes paulistas trabalharam para estabelecer um conceito de pertencimento regional desde o fim do Império e, permeando o movimento republicano, preocuparam-se em construir uma imagem do "ser paulista". Exemplificando sua bravura à dos bandeirantes, e seu trabalho à conquista do progresso.

(18) O Capítulo V da tese examina exclusivamente a questão, comparando o Obelisco do Ibirapuera a outros internacionais, detendo especial atenção aos de Washington e Buenos Aires.

Figura 13: *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*. Vista geral. Projeto de Galileo Emendabili
Crédito: Foto da autora, 2002

Figura 14: *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*. Entrada do mausoléu. Projeto de Galileo Emendabili
Crédito: Foto da autora, 2002

Figura 15: *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*. Área central do mausoléu e *Soldado jacente*. Projeto de Galileo Emendabili, 1950
Crédito: Foto da autora, 2002

Figura 16: *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*. Altar na capela do mausoléu. *Natividade e fundação da cidade de São Paulo*. Projeto de Galileo Emendabili, 1950
Crédito: Foto da autora, 2002

Figura 17: *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*. Alatar na capela do mausoléu. *Crucificação e Revolução Constitucionalista de 1932*. Projeto de Galileo Emendabili, 1950
Crédito: Foto da autora, 2002

Figura 18: *Monumento e mausoléu ao soldado constitucionalista de 32*. Altar na capela do mausoléu. *Ressureição de Cristo e Promulgação da Constituição de 1934*. Projeto de Galileo Emendabili, 1950
Crédito: Foto da autora, 2002

um sonho, pairou no mundo etéreo e desfez-se com o toque da alteridade brasileira, que o narcisismo do movimento paulista não permitiu enxergar.

O fato onírico, porém, transfigurou-se em pesadelo para inúmeros jovens vitimados, cuja deificação, imprescindível para marcar a exemplaridade e os ideais, evita que a chamada revolução aceite o próprio fracasso. Como efeito natural pós-guerra, cumpre transformá-los em heróis, pois só o ato de notabilizar e glorificar os companheiros mortos é capaz de redimir a culpa por permanecerem vivos. A promessa de perenizar a vida deve ser cumprida, pela sagração do sacrifício supremo, papel eficazmente representado nas homenagens póstumas e, entre elas, a mais significativa, o memorial.

Seguindo essas premissas, a edificação de um monumento-mausoléu deve incorporar simbologias religiosas, expressas por tipologias consagradas, associadas a alegorias de significado universal, mas, também, motivos e adereços diretamente relacionados aos acontecimentos e aos vultos que celebra. Essas construções centralizadoras são reforçadas com a presença da bandeira paulista, o brasão nacional e (ou) regional, a figura gloriosa do soldado paramentado, os feridos de guerra, os mortos, as armas, a família, cenas religiosas e trabalhadores. As formas geométricas dos memoriais imortalizam em pedra e bronze e são revigoradas pela incrustação dessas imagens. As singularidades notáveis em cada representação enunciam valores locais, ressaltados pelos espaços eleitos e desenhados cuidadosamente para sua implantação.

Um dos valores é a exaltação emblemática da intemporalidade, ou seja, simultaneamente, as representações do movimento constitucionalista abusam das referências aos mitos e fatos heróicos do passado paulista, as práticas exaltam a eternização dos ideais e exemplos, com vistas ao futuro. Assim, o tempo cronológico se funde ao atemporal pretendido; um, mensurável; e outro, de dimensões infinitas; um visível e outro fugaz, propiciando o agregar dos acontecimentos reais aos imaginários e incorporando transitoriedade e perenidade[19]. A vivificação, promovida pelas celebrações anuais realizadas no sítio monumental, revigora as propostas de união entre as cidades paulistas e, nacionalmente, presentifica a mentalidade associada ao fato comemorado.

De caráter nitidamente político, a construção apregoa a hegemonia nacional, fundamentada na insistência em fixar a imagem de grandeza, formata uma dada identidade para os paulistas, falseada entre a realidade que se vive e os sonhos alimentados. Na atualidade, pode-se enxergar, com clareza, a mentalidade que marcou certos grupos, ansiosos por afirmar o controle financeiro do Brasil, a partir do estado de São Paulo. Porém, cada vez mais se rompem os pontos de união, dificultando o domínio da situação, pelo número muito reduzido ou a falta de tato dos controladores econômicos, os quais, ao tecerem uma falsa realidade, provocam o esgarçamento da trama.

Essa trama urdida durante séculos, em fiação ininterrupta, desfia-se na medida em que a linha, da qual é tecida, não é dotada da resistência necessária à cobertura do campo vasto e disforme que tenta encobrir.

(19) Os conceitos de transitoriedade e perenidade, ligados aos lugares e monumentos, pautaram-se nos estudos de Maurice Halbwachs, Michel Vovelle, Pierre Norra, Roger Chartier, Michel de Certeau, Françoise Choay, entre outros.

Multiplicada a diversidade étnica, a partir dos anos 40, a massa produtiva passou a constituir a principal cláusula identitária de São Paulo, transpondo a política anterior de restringir o título de paulista ao branco europeu e ao indígena. Surpreendentemente, para os idealizadores do "ser paulista" como uma "raça de gigantes"[20], antepõe-se a paulistanidade das muitas raças fortes. O trabalho necessário ao progresso destitui a tessitura inicial, a qual, de constante e contínua, passa a adaptar-se às circunstâncias e acontecimentos, desata alguns nós e desajusta regras estabelecidas, gerando o esquecimento da trama anterior.

(20) Expressão consagrada por título de livro, para designar os bandeirantes. ELLIS JR, Alfredo. *Raça de gigantes*. São Paulo: Hélios, 1926.

Anna Maria Abrão Khoury Rahme
Mestre e doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, graduada em Desenho pela Fundação Armando Álvares Penteado, professora de Arquitetura e Comunicações, desde 1972, e atualmente leciona no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Anhembi Morumbi.
Rua Safira, 497, ap. 121. Aclimação
01532-010 – São Paulo - SP
e-mail: annarahme@gmail.com